



# “Sou um homem de acção”

>> CARINA MONTEIRO [cmonteiro@publituris.pt](mailto:cmonteiro@publituris.pt) >> Fotos: Just Frame It



Luís Veiga, 59 anos, é um alfacinha de gema, ao contrário do que se podia julgar, pela ligação à Beira Interior, onde é administrador do grupo Natura IMB. Eleito há ano e meio como presidente da Associação da Hotelaria de Portugal (AHP), Luís Veiga é extrovertido, atento, interessado, interrompeu a nossa conversa para falar com o dono do restaurante Temudus, onde almoçávamos na Feira Internacional de Artesanato, para perguntar como estava a correr o negócio.

A mãe beirã e o pai natural de Trás-os-Montes conheceram-se em Lisboa, onde nasceu Luís Veiga. Estudou no liceu D. Pedro V. Era bom aluno e não tinha preferência por nenhuma disciplina em particular. Em 1972, quando terminou o liceu, fez a viagem de final de curso a Lon-

dres, aos 16 anos. “A primeira coisa que fizemos quando chegámos a Londres foi comprar bilhetes para ver o filme ‘O Último Tango em Paris’, que tinha sido censurado em Portugal”, recorda. Em 1973, entrou para o ISCTE para fazer Gestão e, no ano seguinte, fez uma viagem de um mês com um amigo pela Europa, uma espécie de interrail, que lhe permitiu conhecer a Europa ainda muito jovem.

Em 1975, a meio do curso de Gestão, decidiu, juntamente com um amigo, ir para Lausanne, na Suíça, estudar Administração e Gestão. “Nessa altura, o ensino em Portugal chegou a um nível baixo em termos qualitativos. Os nossos pais também achavam que era um desperdício o investimento”. Fizeram a inscrição e foram aceites, tinham de ter 14 valores de média no liceu. “Foi uma experiência muito boa,

por duas razões: primeiro, porque havia uma diversidade enorme de nacionalidades; por outro lado, o ensino era muito prático, os docentes tinham altos cargos na área bancária e na área da gestão, além de que a lógica de empreendedorismo estava subjacente às aulas”, lembra. Voltou para Portugal e completou o curso de Gestão no ISCTE. Quando terminou o curso teve logo uma oportunidade de trabalho na área do Turismo como adjunto da administração de Vale do Lobo. Durante dois anos fez de tudo um pouco: “Desde a área das compras às vendas, até segurança fazíamos. Havia uma série de funções partilhadas por todos os elementos da administração”, conta. Regressou a Lisboa, em 1983, para trabalhar em auditoria e consultoria, na BDO. “Muitas empresas ainda estavam a recuperar do período conturba-

conversas à mesa



ID: 54856433

11-07-2014

*“O facto de estar todas as semanas em Lisboa, ou fora, retirou-me algum tempo, mas não vejo isso como uma desvantagem, mas como uma vantagem também para nós enquanto grupo, porque estamos a par de tudo o que se está a passar no sector”*

do do 25 de Abril e a capacidade de gestão era reduzida. Havia necessidade de recorrer a empresas de auditoria para que pudessem reestruturar as empresas”, recorda. Trabalhou num universo muito variado de empresas, desde empresas de conservas, construção naval, turismo, sapatos, e por último, na Grandela e Chiado. Saiu no início de 1988, ano em que deflagrou o incêndio nos armazéns.

**GRUPO NATURA IMB**

Em 1988, deu-se uma nova etapa na vida profissional de Luís Veiga, quando foi desafiado a assumir o negócio da família na área do Têxtil, no Interior do País: os Tricot Branco. “Sentiram que era necessário que houvesse alguém dentro da família que pensasse todo o negócio”, conta. É nessa altura que se muda para a Covilhã. A empresa passou a diversificar o negócio e surgiu a aposta na hotelaria e no imobiliário. “Fizemos uma revisão do core business da empresa, que era o têxtil, para outras actividades. O core deixou de ser o têxtil e, actualmente, o Turismo com a área imobiliária valem 50% do negócio”. As razões desta aposta são fáceis de explicar: “Até ali, só dois destinos se tinham afirmado no Turismo: Seia e Guarda. A Covilhã, que tinha sido sempre uma cidade de lanifícios, nunca tinha pensado no Turismo, e era claramente a que estava mais perto de Lisboa, além de ter uma outra dimensão, comparando, por exemplo, com Seia. Começámos a pensar no projecto e a adquirir unidades hoteleiras até construir uma de raiz, o H2otel. Começámos com o Clube de Campo da Covilhã, depois o Covilhã Parque Hotel (primeiro uma residencial e depois duas estrelas); comprámos em seguida o Hotel Turismo da Covilhã; depois surgiu a oportunidade de irmos para a Guarda, com a aquisição do Hotel Vanguarda há 10 anos; e, finalmente, construímos de raiz o complexo termal H2otel, em 2008, e, no ano seguinte, comprámos o Hotel Lusitânia”, lembra.

Já com o grupo com negócios na hotelaria e na imobiliária, Luís Veiga entra na vida associativa. “Gosto muito de intervir e tenho sempre opiniões a dar”. Na Associação Empresarial de Castelo Branco é vice-presidente e, depois, cumpre dois mandatos como presidente. Desse tempo recorda

duas situações: “A necessidade de melhorar os acessos ao interior do País, a A23 só fez 10 anos no ano passado; e a outra aconteceu juntamente com a associação de Viseu. Na altura estava a ser instalado o gás natural no País e o Mira Amaral disse que não se justificava a sua instalação no Interior. Fizemos um consórcio e fizemos uma proposta à Galp e criou-se a Beiragás. Demonstrarmos claramente que estava enganado e o gás natural acabou por ser um benefício para redução dos custos energéticos”.

**AHP**

Luís Veiga teve o primeiro contacto com a AHP numa reunião em Coimbra, na Quinta das Lágrimas, “por causa da criação das regiões”. Foi, mais tarde, convidado para vice-presidente do conselho fiscal da associação. Depois, com a morte de Fernando Marto, surge o convite para integrar a direcção executiva. A candidatura a presidente da AHP, depois da direcção de Miguel Júdice, foi encarada com entusiasmo. “Disse ao Miguel: se o conselho-geral estiver de acordo com a minha candidatura, aceito e será um prazer imenso”. Pergunto se o cargo de presidente da AHP retirou-lhe tempo para desenvolver outros projectos no grupo. “O facto de estar todas as semanas em Lisboa, ou fora, retirou-me algum tempo, mas não vejo isso como uma desvantagem, mas como uma vantagem também para nós enquanto grupo, porque estamos a par de tudo o que se está a passar no sector. Por exemplo, é preocupante toda a economia informal a que assistimos. Hoje em dia, um turista chega e é capaz de estar cá uma semana e não entra num hotel, num táxi ou num restaurante. O grande desafio da hotelaria é este negócio peer-to-peer, fomentado e incentivado pelo marketing digital”.

**RESTAURANTE TEMUDUS**

O Temudus é um restaurante para casamentos localizado na região de Coimbra. Com um serviço atencioso e simpático, tem um ambiente tradicional. Entre as suas especialidades estão o arraial de marisco, a posta de marinhoa, o mimo de vitela em folhado ou o arroz de tamboril com gambas. O Temudus foi um dos restaurantes que marcou presença na última edição da Feira Internacional de Artesanato, onde participou na Semana de Gastronomia Tradicional, que contou com o 1º Festival de Carnes Portuguesas Certificadas – DOP.

*Ementa*

Restaurante Temudus

Enguias do Mondego - 12,5€

Leitão assado - 14,5€

Posta de Marinhoa - 15€

2x - Torta da casa - 3€

Total - 45€

**FAMÍLIA**

Casado há 30 anos, tem dois filhos, de 29 e 25 anos. O mais velho estudou Gestão em Inglaterra. Depois de umas aventuras no mercado de trabalho, está a trabalhar no Grupo Natura IMB. O filho mais novo ainda está a estudar, Gestão também. Luís Veiga pratica desportos de raquete há vários anos. Costuma praticar squash no Inverno e ténis no Verão. Já fez parte da Federação Portuguesa de Squash, quando esta foi criada. Ao fim de trinta anos de carreira, diz que “o Turismo é claramente a minha área, uma actividade em que me sinto muito à vontade, que me realiza”. Sobre as características que o definem: “Sou muito open mind. Tendo passado uma mensagem de confiança a todos os meus colaboradores, quer no grupo, quer na associação. Embora não tenha funções em termos executivos na associação, sou um homem de acção. Eu e a Cristina [Siza Vieira] fazemos uma dupla muito produtiva. Tento desempenhar o cargo de forma colegial, mesmo sendo presidente do conselho geral faço questão de estar nas reuniões da direcção executiva. Dialogamos muito e o momento favorável que a associação está a atravessar tem muito a ver com a capacidade de trabalho que temos e de interagir entre todos. Estamos muito unidos, não há vozes dissonantes”.



